

— « Não viste aquelle moço, que hoje, durante a missa, não sahiu d'ao pé da grade ? »

— « E então ? »

— « E' um bonito moço. »

— « E' . »

— « Não me lembra ter visto ainda tam bella figura de homem ; e tu ? »

— « Eu tambem não. »

— « Conhece-lo ? »

— « Como, se foi hoje a primeira vez, que o vi ? »

— « A primeira vez que lhe eu vi o rosto foi quando elle virou-se para o côro. Deixou cahir um olhar sôbre mim... que olhar, Clara ! entrou-me no coração. Depois... olhou tambem para ti, e para mais ninguem ; voltou depressa o semblante, e só o pude ainda ver durante o sermão : então sim, uma vez elle encarou-me de modo que me senti extremamente agitada, e tentei baixar os olhos ; mas tive fôrças para resistir, porque me pareceu, que seria bom disfarçar minha commoção. Oh Clara, que modos bellos ! que elegancia ! que formosura !... »

Clara não dizia palavra.

— « Viste-o á noite ? Foi collocar-se outra vez ao pé da grade ; olhava incessantemente para nós... para mim principalmente : é que se admirou de meu modo de incara-lo ; porque eu estudei um meio de lhe attrahir e prender o pensamento ; e puz em meus olhos uma curiosidade exquisita, mas um coração talvez indifferente, talvez sensivel. E eis aqui porque te eu digo, mana, que não tenho pena de haver nascido mulher... formosa, como dizem que sou ; pois olha, Clara, infiticeei-o ! E' a mais nobre entre as minhas conquistas sôbre o sexo orgulhoso... e não pequeno triumpho sôbre tantas bellezas, que cercavam-me ; porque entre todas fui eu a escolhida da fada dos amores ; e com minha varinha de condão incantei o mais lindo mancebo, que olhos de môças teem visto. Mas dize-me tu, Clara : que lêste em seu semblante ? que te disseram seus olhos ? »

— « A mim?... seus olhos?... nada disseram-me. »

— « Pareces-me acanhada, terás vergonha de mim ? »

— « Vergonha... de que ? »

— « Não sei ; porém confessa-me, sympathisaste com elle ? »

— « Perguntas-me, si é elle bello e sympathico ? Bello e sympathico é. Mas que lhe eu tenha dado uma pequena parte siquer do coração... oh ! meu coração ha muito que pertence inteiro a outro, bem o sabes ; e a dadiva, que se faz de um coração... »

— « E' sagrada » disse Anna, interrompendo-a : « e deye ser eterna. »

— « Deve ser eterna : » repetiu Clara com voz infraquecida, e como si lhe pesassem as palavras que dizia.

— « Assim estejas bem certa do amor de nosso primo. »

— « De pequeninos, foi a nossa amizade sempre firme e sincera : » disse Clara depois de breve pausa. « Elle, é certo, raras vezes me faz os seus protestos de amor ; porém que valem palavras ? não me falla tam alto, não se derrama todo o seu coração nos extremos, que elle prodigaliza-me ? — Mas apesar de tudo... Tu sabes tam bem como eu a historia d'este meu amor ; que te parece ? deverei julgar-me feliz com elle ? »

— « E porque não, si tam convencida estás de que... »

— « Convencida, sim ; porém... oh Anna, o coração dos homens é tam volúvel, como são seus olhos ; onde seus olhos param, seu coração se converte. »

— « Oh ! si assim fosse. . » disse Anna alegremente ; e se pôz a reflectir. « E os olhares » continuou ella « os magicos olhares do desconhecido, que por tantas vezes me deixaram perturbada?... e o coração, que me diz que infiteieei-o... e tudo, que m'o affirma... tudo isto não val nada?... Oh ! que victoria que seria a minha ! — Mas si me elle amasse devéras?... si depois d'esta victoria se tornasse uma excepção da regra?... Será isto um impossivel ? »

E risonha fitou os olhos na irman, como esperando ouvi-la.

Clara estava triste, tristissimo. Houve um momento de profundo silencio, que a sua voz debil terminou perguntando curiosa :

— « E pois tu já queres amar ? »

— « Amar ? quero e sempre quiz ; mas intendamo-nos : tu sabes que eu nunca ameí ; muitos me amam sim... quero dizer, protestam que me adoram ; mas eu divirto-me com esses loucos amores ; e não serão seus suspiros quem me quebre o talisman de minha isempção. Fiz proposito de illudir sempre esses homens levianos que só queimam insenso á minha formosura. Recebo os seus fingidos juramentos, e lhes retribuo com olhares e sorrisos onde elles julgam ler meu coração, ou formo com lettras e bem estudadas phrases um tecido de ironias, que elles guardam tam satisfeitos, como si fosse uma sagrada jura d'amor... que por tal o tomam — pobrezinhos ! Eu não quero que me adorem somente a gentileza das feições, quero que me amem tambem a belleza do coração ; aquelle que bem o comprehender, e melhor souber incensá-lo, esse o ganhará. »

Clara não redarguiu ; ambas ficaram silenciosas e pensativas por longo espaço de tempo, durante o qual só se ouvia o rumorizar da briza que roçava pelos telhados, e mais tarde o duplicado badalar do sino na torre de San' Francisco.

— « Duas horas... » disse Anna. « E' já bem tarde... é tempo de dormir. »

E ia erguendo-se, quando Clara de repente assentando-se no leito, tomou com fervor entre as suas as mãos d'ella, e lhe disse com voz trêmula :

— « Anna, espera... achas tu que Estevam ama-me devéras? que arrostará mil sacrificios só para contentar o seu amor? »

Anna lhe respondeu pasmada :

— « Eu assim penso. »

Então Clara, largando machinalmente as mãos da irman, deixou cahir os braços desfalecidos, e ficou immovel, muda e pallida.

Anna esteve a contemplá-la em silencio; mas commovendo-se pouco a pouco, affavel lhe poz a mão sôbre o peito, e lhe perguntou com amor :

— « Clara... que é isto? que tens, que sentes tu?... falla! »

— « Eu... não tenho nada, deixa-me... tenho somno... é tempo de dormir. »

E se arredou d'ella, que lhe redarguiu descousolada :

— « Clara... já não tens amizade á tua irman... dar-se-ha que já a não mereça?... mas que fiz eu? »

— « Anna, Anna... por Deus, não me falles assim; pois éuvidas da minha estima? Acredita-me, eu nada tenho... tenho tristes pensamentos, pensamentos de quem ama. Tu não amaste ainda, não me comprehenderias. »

— « Sim... diz-me isso, porque... oh! talvez não esteja longe o tempo em que eu te possa intender; pois, não sabes? a modo que já me vou sentindo propensa a amar... Será isto assim, meu Deus... Mas não, eu saberei vencer ésta fraqueza.. Nem pensemos mais n'isto.

E se dirigiu para o seu leito.

Continua.

J. C. R.

SAUDADE DA INFANCIA.

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida,
— Quando não era minh'alma
De tantos males vencida.

Mal brilhava no horisonte
De manhã o sol doirado,
Tudo em mim era prazer ;
A minh'alma n'esse estado
Era alegre e divertida.

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida.

Pelas arvores saltava,
Qual veloce passarinho,
Aqui apauhando flores,
Tirando ali algum ninho :
O' doçura já perdida !

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida.

Si ouvia gemer a rôla
Pelo campo a volitar,
Penetrado de desejo
Era logo de a pegar
Entre o mato de corrida.

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida.

Perto á fonte d'hum regato
O meu corpo se prostrava,
E sem sustos ; nem cuidado,
Logo em pouco dormitava
Sobre a relva florescida.

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida.

Sobre a arêa mil castellos
D'ella mesma eu levantava,
E si o vento os desfazia
Afflictinbo então chorava
Por perder a minha vida.

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida.

Porem tudo foi-se embora,
Já voou minha alegria,
Só penando agora vive
Entre pranto e agonia
A minha alma resentida.

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida.

Rompeu-se o véo da innocencia,
Outro mundo descobri ;
Das doçuras, que fruía,
Ah! nem sombra mais eu vi ;
Tudo é magoa desabrida !...

Houve tempo em que passei
Com mais gôsto a minha vida,
— Quando não era minh'alma
De tantos males vencida.

O. J. MEIRA.

DO HOMEM SEM DINHEIRO.

Um homem sem dinheiro é um corpo sem alma, um morto ambulante, um espectro espantoso. A sua presença é triste, e a sua conversação languida e fastidiosa. Si quer visitar alguém, nunca o acha em casa ; e se abre a bocca para fallar, interrompem o seu discurso, que receiam, acabe por pedir dinheiro. Fogem d'elle, como si fosse empestado ; e reputam-n'o como um pêso inutil sobre a terra. Si tem talento, não o pôde cultivar ; e si o não tem, consideram-n'o como o monstro mais hediondo, que a natureza é capaz de produzir, quando está de mau humor. Os seus inimigos dizem, que elle não serve para coisa alguma ; e os mais moderados a respeito d'elle começam seu elogio alçando os hombros. Pela manhan a necessidade o acorda, e á noite a miseria o acompanha á cama. As senhoras acham que elle não tem bons modos, e as meretrizes fallam d'elle como se fosse hermaphrodito ; seus alfaiates querem que, como nossos primeiros pais, elle se vista com folhas de figueira ; si elle quer discorrer não lhe prestam attenção alguma ; si espirra ninguem faz caso d'elle ; si precisa de alguma coisa das loges dos mercadores, antecipadamente lhe pedem o pagamento ; e si tem dividas, passa por velhaco.

(*Conde de Oxenstirn.*)

A ALVA

JORNAL LITTERARIO.

PUBLICA-SE

uma vez por mez, contendo cada numero de 12 a 20 paginas.

Recebem-se assignaturas na Cidade Alta em casa do Snr. Francisco Fernandes Lima, Rua Direita, N. 75, e no Varadouro na loge do Snr. Antonio Alexandrino Lima, Rua das Convertidas, N. 16.

Preço da assignatura Rs. 2\$000 por semestre.